

## CRUZEIRO DO OESTE: O DESMANTELAMENTO DA EDUCAÇÃO NO CAMPO E DO CAMPO

Rosangela Alves da Silva Moreira<sup>1</sup>;  
Cinthia Maria de Sena Abrahão<sup>2</sup>.

### RESUMO

O presente artigo aborda os processos que levaram o município de Cruzeiro do Oeste, Pr, cuja colonização foi marcada por um rápido e expressivo aumento da população, motivado principalmente pela exploração de madeira e cultivo do café. Neste contexto, na década de 1950 chegou a representar um dos principais centros de desenvolvimento da região noroeste do Paraná. No entanto, a partir do declínio a cafeicultura, seguiu-se um longo período de decadência e empobrecimento o que constitui um dos fatores que contribuíram para o êxodo rural e a perda que os moradores das áreas rurais tiveram no que se refere às escolas do campo. Realizado a partir de pesquisa bibliográfica, analisa a história do município na tentativa de desvendar alguns aspectos da ideologia dominante no que diz respeito ao processo de urbanização pela qual o município passou e a reduzida importância dada à questão da educação para os povos do campo.

**Palavras-chave:** Escolas rurais, êxodo rural, educação do campo.

---

<sup>1</sup> Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo-EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de Cruzeiro do Oeste, e-mail: moreirarosangela05@gmail.com tel. (44) 8417-4958

<sup>2</sup> Educador Orientador, UFPR Litoral.

## 1 CONTEXTO

Na atualidade teve início a discussão sobre a permanência dos moradores do campo no campo, a agricultura familiar começou a ser vista como uma perspectiva de desenvolvimento econômico e não simplesmente como tentativa de manutenção de parcela da população no campo com o intuito de evitar a super população dos centros urbanos. No estado do Paraná percebe-se neste processo, além de políticas agrícolas específicas, uma preocupação com a educação voltada a estes sujeitos. Destacam-se a revitalização dos Colégios Agrícolas com cursos técnicos voltados à agroecologia, bem como a extensão destes cursos, em parcerias entre Estado, Municípios e ARCAFAR SUL<sup>3</sup> à “Casa Familiar Rural”. Foram elaboradas ainda, as Diretrizes da Educação do Campo em âmbito nacional e estadual que visam atender as especificidades educacionais destes sujeitos, incentivando uma formação escolar voltada para a educação dos jovens no campo que possam produzir nele sua existência.

Sendo uma política de grande difusão no estado do Paraná, o município de Cruzeiro do Oeste, região noroeste do estado, passou também a ser influenciado por este processo. Em seus desdobramentos é contemplado no Pólo da UAB o curso de especialização em “Educação do Campo” ofertado pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, o que criou a possibilidade de uma pesquisa histórica sobre o município que pudesse elucidar alguns aspectos importantes de seu desenvolvimento que influenciaram para a atual configuração. Fazer uma

---

<sup>3</sup> ARCAFAR SUL – “Associação Regional das Casas Familiares Rurais do Sul do Brasil está instituída como uma associação cultural e beneficente, que tem como objetivo a coordenação de um trabalho filantrópico a fim de promover, desenvolver e oportunizar aos jovens agricultores, de ambos os sexos, a permanência no meio em que vivem proporcionando uma formação integrada com a sua realidade. Pretende, assim, oferecer condições para a inserção desses jovens na sua comunidade e com isto proporcionar novas oportunidades, geração de renda, inclusão social, qualidade de vida, cidadania e dignidade (ARCAFAR)”. <http://www.arcafarsul.org.br/novo/?content=conteudos&id=3> acessado em 18/04/2011

releitura dos fatos torna-se importante na medida em que se entende que a história do município é marcada pela naturalização de aspectos políticos e que foram e são fundamentais ao seu desenvolvimento.

Neste sentido, desde sua emancipação política em 1952, observa-se que o desenvolvimento do meio rural fazia parte da preocupação dos representantes do poder público do município, o primeiro prefeito, Aparício Teixeira D'Avila (governou entre 17/11/1955 e 16/11/1959), teve como grande meta “abrir estradas e escolas e incentivar a agricultura” (RODRIGUES *et al.*, 2000 p.17).

Segundo RODRIGUES *et al.* (2000), “nessa época, cruzeiro do Oeste era o maior município do estado em extensão, possuía terras devolutas e férteis” o que fez com que a cidade crescesse rápido e ganhasse prestígio no estado, no ano de 1956, já contava com jornal “O Oeste do Paraná”, o Ginásio Estadual com o apoio do Lions Clube, ofertando curso científico até a implantação do segundo grau e ainda neste ano, passou a contar com a Rádio Difusora e a companhia TAMA de Maringá de aviação com vôos diários para Maringá.

Analisando o conjunto dos elementos acima mencionados para o município com apenas um ano de emancipação política, tudo indicava para um futuro promissor do ponto de vista econômico, político, cultural e social. Havia indicativos de prioridade do poder executivo, bem como o apoio do governo do estado, para incentivar a vinda de novos moradores para o município. Estabeleceu-se em todos os bairros rurais<sup>4</sup> até nos mais distantes, uma escolinha (primária de 1ª a 4ª série), e já havia pedidos de colégios de 5ª a 8ª série, e o científico em 1969. De acordo com Rodrigues *et al.* (2000), o bairro rural Santa Olga, um dos mais distantes da zona

---

<sup>4</sup> Os bairros rurais podem ser conceituados como unidades geográficas com variações nas características criando uma identidade local, elementos como Igreja, campo de futebol e escola fazem parte da constituição destas unidades sustentadas então na tríade lugar, vizinhança e diversidade. MOREIRA, Erika Vanessa. HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros O LUGAR E O RURAL: OS BAIRROS RURAIS... disponível em: <http://www4.fct.unesp.br/pos/geo/revista/artigos/Moreira.pdf>. acessado em 26/04/2011

urbana, foi o primeiro a se beneficiar com o colégio de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup>, denominado Casa Escolar Olga Bortolon (Decreto nº 16.678/69). Daí por diante foi sendo ampliada a rede escolar tanto no perímetro urbano quanto rural. A última escola rural implantada em Cruzeiro do Oeste foi a Escola Estadual Estrada Guarani, ensino de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série (resolução nº 670/86).

## **2 ORIGEM DO POVO E CONSTITUIÇÃO DA ECONOMIA**

De acordo com Ari RODRIGUES et al., (2000), na região onde se localiza Cruzeiro do Oeste, os primeiros habitantes foram os índios Guaraní e Xetas. Os italianos, espanhóis, portugueses, alemães, poloneses e japoneses vieram (de outras regiões do Brasil) a procura de terras, devido ao solo fértil e às condições climáticas favoráveis ao cultivo do café, além das políticas de povoamento que marcaram o estado do Paraná na segunda metade da década de 1950. Também houve grande massa de população vinda do estado de São Paulo, Minas Gerais e Santa Catarina.

Essas famílias tinham como intuito cultivar a terra, mas que seus filhos pudessem iniciar e dar continuidade aos estudos. A administração pública, que tinha como objetivo ampliar a cafeicultura mantinha tal compromisso, fundamentada nos princípios da educação rural que ganhou corpo a partir de 1930. Tais princípios visavam unicamente elevar a auto-estima do homem do campo<sup>5</sup>. Assim, foram construídas, muitas vezes em parcerias com os fazendeiros, novas escolas nas comunidades rurais para atender os trabalhadores do campo principalmente seus filhos.

Cruzeiro do Oeste era divulgada amplamente, como forma de torná-la atraente para o processo migratório, tanto no cenário estadual, quanto Nacional,

---

<sup>5</sup> Ou seja, aquele modelo educacional que enaltece o homem do campo como o que “serve” com seu trabalho toda a sociedade produzindo o alimento que mata a fome de todos.

anúncios em diversos jornais do país, denominando-o como o “Eldorado do Paraná, Terra Prometida, tamanho era a riqueza aqui encontrada, servindo como objetivo de um grande desenvolvimento” (RODRIGUES ET AL., 2000 p.53). A divulgação fazia parte da estratégia do governo estadual de povoar a região, ao mesmo tempo em que se comprometia com a dotação de infra-estrutura para as cidades que se formavam.

Segundo RODRIGUES, et. al. (2000 p.39), “Cruzeiro do Oeste foi durante a década de 60 até meados da década de 70 um município próspero e rico, com a exploração da madeira e do ciclo do café”, tendo ocupado no ano de 1960, primeiro lugar na produção de café no estado do Paraná, (p.49).

No entanto, o município não conseguiu organizar outras fontes econômicas que pudessem sustentar o desenvolvimento com o fim da exploração da madeira e o ciclo do café, após a grande geada de 1975, conhecida como “Geada Preta”, com a erradicação dos cafezais o município começou a empobrecer.

...depois de um longo período de seca os incêndios se alastraram, acabando com a maior parte das matas do Paraná, e tornando-se conhecida nesta região como geada preta. A repercussão deste acontecimento foi mundial. [...] ocorreu uma forte erradicação dos cafezais causando com intensidade o êxodo rural. (RODRIGUES ET AL., 2000 p.19)

TABELA 1- Evolução do processo de urbanização do Município de Cruzeiro do Oeste, estado do Paraná (adaptado de RODRIGUES, 2000 e de IBGE 2010).

	1970	%	1980	%	1991	%	1996	%	2000	%	2010	%
<b>Urbano</b>	13.023	34,58	15.342	56,62	16.742	70,91	16.752	79,12	16.056	79,40	17.667	86,53
<b>Rural</b>	24.640	65,42	11.936	43,38	6.867	29,09	4.421	20,88	4.166	20,60	2.752	13,47
<b>Total</b>	37.663	100,00	27.278	100,00	23.609	100,00	21.173	100,00	20.222	100,00	20.419	100,00

O êxodo rural foi motivado pelo desenvolvimento da indústria nacional e acirrado pela chamada “Revolução Verde” que promoveu a modernização da agricultura brasileira. Segundo Mueller e Martine (1997) houve redução considerável da demanda de mão de obra no campo uma vez que o modelo adotado no Brasil

tanto da tecnologia, quanto das linhas de crédito, atendia muito bem as grandes extensões de terra e aos grandes produtores.

Tudo isto trouxe inúmeras conseqüências para o município e para os trabalhadores do campo, uma vez que, o eixo da industrialização concentrava-se nos grandes centros urbanos. Assim constitui-se o esvaziamento do campo no que diz respeito a um processo produtivo e cultural que foram substituídas pela tal “modernidade” que se caracteriza pelo aprimoramento das relações capitalista de produção. Neste sentido, ele não é um processo natural – como muitas vezes tenta-se transparecer – ao contrário é resultado de uma política de industrialização que defendia a ideia de que a sociedade rural deveria ser superada pela urbana. (ROCHA; PASSOS; CARVALHO, acesso 18/04/2011)

### **3 O COMEÇO DO FIM**

A partir do breve contexto apresentado é possível fazer algumas inferências no que diz respeito à educação para os povos do campo. A estrutura educacional sofreu muitas perdas, sem contar com o apoio do estado às escolas rurais, estas foram sendo fechadas, desmanchadas com a promessa de serem construídas novas instalações, o que não veio a acontecer. Foram mantidas escolas apenas nos bairros com maior população, muitas famílias vieram para a área urbana trabalhar em diversas funções, de funcionários públicos até o comércio.

Parece contraditório que a prioridade de oferta educacional tenha se tornado secundária no município, especialmente para a população rural. Ainda que se considere que a perspectiva hegemônica fosse voltada para a elevação da auto-estima e não da cultura do homem do campo<sup>6</sup>. Neste período passou a ser priorizado, para alguns bairros rurais a oferta do ensino primário<sup>7</sup> e de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série,

---

<sup>6</sup> Educação que valoriza o modo peculiar do homem do campo sua forma de relação com a natureza e com os outros homens no processo de trabalho.

<sup>7</sup> A partir da LDB 9.394/96 nomeado como séries iniciais do ensino fundamental.

a grande maioria dos bairros não tinham mais escolas. Além do que, nas escolas rurais que continuaram funcionando o currículo desconsidera qualquer outra especificidade que não seja o modelo de vida urbana e as relações de trabalho capitalista. Basta observar a legislação educacional e seus desdobramentos a partir da LDB 5.692/71 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), no qual, foram criados uma infinidade de cursos técnicos que visavam a formação de mão-de-obra para o mercado de trabalho. Assim, ainda que existissem cursos técnicos voltados para o setor agrícola, o objetivo era formar um contingente de trabalhadores que soubesse lidar com as novas tecnologias a serviço do grande capital. Tal quadro foi paulatinamente destruindo a identidade cultural do povo do campo, de modo que passam a identificar-se com a cultura do trabalhador e o trabalho urbano.

Na medida em que a população deixou o campo, nas escolas rurais, a oferta de vagas tornou-se maior que a procura, em um processo ainda ininterrupto até a atualidade. Com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino e sanar dificuldades nas escolas rurais municipais, houve a nuclearização das escolas nos bairros rurais maiores ou na sede do município e com melhores recursos, o que contribuiu para a desativação de muitas escolas rurais, quase que por completo no final da década de 1990 (RODRIGUES ET AL., 2000 p.66).

As famílias rurais foram convencidas que as escolas urbanas poderiam formar e oferecer mais conhecimentos a seus filhos, sendo que os pais, em sua maioria, já tinham sido “vítimas” na infância e juventude do descaso com a educação no campo na década de 1980 e início da década de 1990. Considerando que não quisessem o mesmo para seus filhos agarraram esta proposta como tábua de salvação. Pois “agora” contavam com transporte gratuito, o que não ocorria no passado e com um discurso dos próprios gestores que as escolas urbanas teriam mais condições de ensinar a seus alunos devido a uma melhor estrutura física e pedagógica.

O “otimismo pedagógico”, também já batizado de “educação redentora” [...] tem sido persistentemente associado à visão liberal-funcional da escola. [...] Se, por um lado, a ação educacional, [...] ocupa uma área fronteira entre o “econômico” e o “social”, [...] A função de passaporte

para a modernidade pode ser compreendida não pelo que afirma, mas pelo que omite (COSTA, 2004, p.71).

O histórico desse processo é responsável por tornar difícil hoje convencer a população do campo quanto a importância de uma educação no campo e do campo. Uma vez que faz parte do inconsciente, formado pela ideologia dominante, que por décadas seguidas foi destruindo a identidade cultural dos povos do campo neste município. A disseminação da ideia de que a vida no campo é uma forma retrograda de existência e que todos os problemas, sejam eles quais forem: de ordem econômica ou política, podem ser resolvidos unicamente pelo acesso a educação, sem discutir o modelo, faz parte do itinerário formativo que contribuiu para que fosse se perdendo a identidade cultural do campo, por meio da formação das novas gerações.

Tentando escapar da naturalização das relações e da linearidade dos processos históricos é importante lembrar que o que ocorre no município não é um processo isolado e próprio, basta observar a citação a seguir;

O setor primário da economia nacional vem cumprindo o movimento estrutural de transferência de parcela significativa do campo para o meio urbano, em conformidade com a experiência internacional (Pochmann, 2008, p.161).

Assim, ainda que tenha suas peculiaridades e que foram determinantes na configuração de seu desenvolvimento estes desdobramentos pertencem a um movimento de urbanização com maior ou menor intensidade que ocorre em um contexto social mais amplo, estadual e nacional e internacional onde quer que tenha se desenvolvido o modo de produção capitalista. Neste sentido, este processo local só pode ser entendido em um contexto mais amplo que se caracteriza como a modernização brasileira. Sua configuração tem as marcas das lutas sociais e das perspectivas políticas que foram dominantes no período analisado, no qual prevaleceu o modelo urbano que carrega no bojo de seu desenvolvimento a necessidade de homogeneização e ao mesmo tempo a exclusão dos que considera inadequado aos seus moldes.

#### 4 RECONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO NO CAMPO E DO CAMPO: CAMINHO DE VOLTA OU PASSO A FRENTE?

O predomínio das políticas neoliberais durante toda a década de 1990, marcado pela redução e afastamento do estado de setores estratégicos no que diz respeito aos serviços públicos, entre eles a educação.

[...] algumas posições “neo-reformadoras” da educação acreditam poder justificar e orientar a atividade educacional, a partir de requisitos e justificativas econômicas e de estratégias consoantes a supostas tendências inexoráveis do mundo contemporâneo (COSTA, 2004, p.54).

As leis do mercado se impõem com o apoio político às relações de produção, trabalho, educação entre outros e foi exatamente neste período que tivemos o acirramento e o desmantelamento de praticamente toda a educação, senão do campo ao menos no campo. Mesmo porque, do ponto de vista formal, no município nunca existiu uma educação “para” os povos do campo, ainda que ela acontecesse no campo, era pensada a partir do modelo de vida urbano. As peculiaridades do campo e para o campo surgiram das práticas e formas de organização que adentravam a escola naquilo que conhecemos como currículo oculto<sup>8</sup>.

Observa-se que o discurso oficial no município é impregnado da ideologia que desvaloriza o sujeito e o modo de vida do campo, basta observar a citação abaixo extraída de um material produzido exatamente no período mencionado.

No entanto, a mão de obra que sai da zona rural é desqualificada para as atividades urbanas e passa a se entrosar nos serviços de construção civil e no comércio.

A grande maioria porém, não possui condições financeiras nem muita instrução, passa a integrar o contingente de trabalhadores volantes, os bóias-frias, que trabalham no corte da cana e nas colheitas de algodão

---

<sup>8</sup> “O currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes. (SILVA, 2004 p.78)

atividade sazonal e permanecem ociosos quase seis meses por ano.  
(RODRIGUES ET AL., 2000 p.18)

O que não se consegue perceber, e fica claro no discurso é que houve um processo intenso de expropriação da população do campo em Cruzeiro do Oeste, de tal forma que a suposta incapacidade de participar das novas regras da sociedade de mercado advém do próprio abandono a que foi submetida. Essa população, mais especificamente a parcela remanescente dela que persistiu no campo, como pequenos agricultores ou como trabalhadores rurais, adquiriram uma sub-cidadania que os remete atualmente para condições de exclusão no ambiente urbano. Trata-se de um ciclo vicioso de pobreza e exclusão, que se relaciona de forma estreita à questão da educação, mas que não é possível solucionar apenas com a oferta de escolaridade.

É nesta quase que totalmente destruída identidade de “sujeito do campo” e modo de vida no campo, que se coloca o desafio da “Educação no Campo e do Campo” como uma contraposição ao modelo de desenvolvimento vigente. Hoje as populações rurais se “adequam” a esta realidade, seus filhos freqüentam as escolas urbanas e os problemas sociais que se colocam não são mais aqueles da vida no campo e sim os problemas e contradições da vida urbana, desemprego violência, drogas, mostrando uma realidade esvaziada de significado no que diz respeito à identidade da vida no campo.

Assim, no percurso histórico do município de uma gênese marcada pela vida no campo restou apenas a escola rural do distrito de São Silvestre que atende a educação infantil e o ensino fundamental. Sendo que a educação infantil e, as séries iniciais são mantidas pelo município e as séries finais pelo estado, de tal forma que para concluir a educação básica os estudantes precisam se deslocar algo próximo a 50 Km por dia para ter acesso ao ensino médio. No que diz respeito ao ensino superior, o município dispõe de um Pólo da UAB (Universidade Aberta do Brasil), para aqueles que pretendem graduar-se em curso não oferecido pela UAB, precisam deslocar-se para os municípios vizinhos para o qual a prefeitura estabelece parceria

com os alunos para a contratação de transporte, o que acarreta em uma mensalidade que é cobrada tanto dos alunos das áreas rurais, quanto urbanas.

## **5 Apontamentos Finais**

Tendo em vista o que até aqui foi exposto e como síntese provisória é possível perceber que naquilo que se pode chamar de processo de modernização da sociedade e aí se inclui a especificidade de Cruzeiro do Oeste, observa-se no que diz respeito à educação e a cultura, que houve negação da educação dos sujeitos do campo. Ao mesmo tempo predominou a valorização da cultura urbana, dentro de uma perspectiva de padronização da cultura que nega tanto a diversidade, quanto a individualidade. Neste sentido, acredita-se que a educação no campo e do campo deva ter como objetivo dar passos à frente no sentido de valorização dos povos do campo, sem que se possa desconsiderar todo o processo de desconstrução ora relatado. Bem como apresentar valores e conceitos, que talvez nunca tenham feito parte da cultura local, como modelos de produção sustentável, da biodiversidade, da diversidade cultural, e que esta possa, enfim, contribuir para a emancipação dos povos do campo de todas as formas de jugo principalmente no que diz respeito às relações humanas.

## 5 REFERÊNCIAS

COSTA, Marcio da. A educação em tempos de conservadorismo. In: APPLE, Michael W. et al. **Pedagogia da exclusão: o neoliberalismo e a crise da escola pública**. Tradução Vânia Paganini Thurler e Tomaz Tadeu da Silva. – 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MUELLER, C. Charles. MARTINE, George. **Modernização da agropecuária, emprego agrícola e êxodo rural no Brasil – A década de 1980**. Revista de Economia Política, v.17, n.3 (67), julho-setembro/1997.

POCHMANN, Marcio. **O emprego no desenvolvimento da nação**. São Paulo, SP: Boitempo, 2008.

RODRIGUES ET AL., Ari. MORETTO, Maria de Lurdes Madrona. RODRIGUES ET AL., Maria Helena Bertoco. TOZZO, Neuza. LISIK, Odete Aparecida. **Cruzeiro do Oeste: origem e formação**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura: Prefeitura Municipal de Cruzeiro do Oeste, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documento **de identidade; uma introdução às teorias do currículo**. – 2 ed. 6ª reimpressão. – Belo Horizonte: Ática, 2004.

ROCHA, Eliene Novaes. PASSOS, Joana Célia dos. CARVALHO, Raquel Alves de. **Educação do Campo: Um olhar panorâmico**. Disponível em: <http://www.forumeja.org.br/ec/files/Texto%20Base%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20do%20Campo.pdf>. Data do acesso 18/04/2011.